

**A UTOPIA EM DOIS ROMANCES
LATINO-AMERICANOS.**
*WASLALA: MEMORIAL DEL FUTURO (GIOCONDA BELLI) E
UTOPIA SELVAGEM (DARCY RIBEIRO)*

*Sylvia Trusen
Universidade Federal do Pará*

- **RESUMO:** *Para alguns teóricos da chamada pós-modernidade, nossa época assistiria a uma carência de expectativas frente ao futuro. Contrariando a crença moderna na plena realização da civilização, manteríamos como ponto referencial o presente, descartando a confiança nas utopias construídas. À parte das possíveis considerações com respeito à aplicação do termo que pretende definir a contemporaneidade, mostra-se, porém, como fato irrefutável, a escritura de textos dedicados ao motivo da utopia no espaço latino-americano. Nesse sentido, talvez não seja ocioso empreender a leitura de algumas obras voltadas ao tema, verificando as diferentes articulações promovidas neste fim de século/milênio.*
- **PALAVRAS-CHAVE:** *Literatura latino-americana; Utopia; Éden; Memória*
- **ABSTRACT:** *For some theoretical of the so called post-modernity, we would be going through a lack of expectations concerning our future. Against the modern belief in civilizations fulfillment, we would keep the present as reference, discarding the confidence in the already built utopias. Apart from the possible considerations regarding the application of the term, intending to define contemporaneity, the writing of the texts dedicated to utopia in Latin-America is shown as a irrefutable fact. In that sense, perhaps it may not be considered idleness to read some works about the theme, verifying the different articulations, promoted at the end of this century/millennium.*
- **KEYWORDS:** *Latin-American Literature; Utopia; Eden; Memory.*

O DESTERRO DA UTOPIA

Neste breve espaço, desejo discutir a prática discursiva que parece querer suprimir a vigência do conceito de utopia, malgrado as criações ficcionais das nações periféricas.

Em artigo publicado no *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, por ocasião do 20º aniversário da Revolução Sandinista em Nicarágua, o crítico Mackenbach, analisando a produção literária dos

últimos decênios neste país, afirma que “em algum lugar, entre a cidade e o campo, a utopia deve haver se perdido.” (1999)

Nos quadros referenciais da pós-modernidade, o livro *A travessia do pós-moderno* (Zajdsnajder, 1992) reflete sobre os sintomas que acometeram a civilização contemporânea, tais como a fragmentação e a perda da confiança moderna num futuro promissor. Se a Idade Média voltava-se para o passado e a modernidade depositava todo o seu otimismo científico num porvir pleno de promessas, a pós-modernidade manteria como ponto de referência o presente: desacreditada do passado, também não teria mais expectativas quanto ao futuro. A utopia, terreno inexistente, porém recorrentemente atualizado pela memória do desejo, careceria de espaço neste tempo de fraturas.

Não se quer aqui discutir a pertinência das afirmativas acima, uma vez que constituem matéria suficientemente polêmica, cujo equacionamento escapa aos limites a que nos propomos. Contudo, parece-nos que, malgrado o discurso propalado, resiste nas chamadas nações periféricas uma certa produção literária que serve de contraponto à negação da utopia. Nesse sentido, destaca-se para o comparatista o papel de investigar as criações de países não hegemônicos, podendo estas tanto ratificar como refutar o que, à primeira vista, parece ser voz uníssona.

VISÕES DO ÉDEN E UTOPIA NO NOVO MUNDO

Antes, porém, de empreender a leitura comparada dos romances mencionados no título desta exposição, importa recorrer alguns dos textos dedicados ao estudo da utopia, como elemento transposto e inscrito na cultura do continente. O caminho, se pode parecer algo tortuoso, tem a vantagem de nos indicar a importância do motivo em nossa formação cultural, e, por conseguinte, na literatura que dele se apropria.

Em sua análise da literatura hispano-americana, aberta pela renovação ficcional promovida desde Borges, Irleamar Chiampi

(1980) logra interseccionar as teorias no âmbito da narratologia com o discurso sobre a América. No enfoque proposto, os códigos adotados pelo realismo maravilhoso são ressaltados em seu vínculo com a ideologia que encobre a América. Com efeito, o discurso americanista, forjado desde o confronto dos cronistas com o Novo Mundo, reflete o impacto frente ao universo desconhecido. A carência no idioma natural do conquistador para nomear a série de objetos e seres até então nunca vistos gera uma crise de denominação. O fenômeno do Novo Mundo converte-se em maravilha.¹

As conseqüências deste encontro para o imaginário ocidental e sua conversão na ficção engendrada pela modernidade têm sido largamente revistas.² Como devemos evitar as sendas, que nos afastam do curso almejado — por mais tentadoras que sejam —, importa apenas assinalar que, a par da cobiça dos descobridores e do fascínio exercido pelo ouro, ao desconhecido sobreveio a imagem do paraíso. A conhecida tese do historiador Sérgio Buarque de Holanda corrobora a asserção.

Mas Colombo não estava tão longe de certas concepções correntes durante a Idade Média acerca da realidade física

¹ Podemos, com argumentos pautados na lexicologia, na poética, e na história, pleiteia o termo realismo maravilhoso — por oposição ao realismo mágico, ou ao conceito de fantástico — para designar a nova narrativa hispano-americana. Uma das razões apontadas é justamente a origem do termo maravilha, do latim *mirabilia*, “coisas admiráveis”, que, por sua vez, contém o verbo *mirare*, “olhar com intensidade”. O maravilhoso estaria, assim, desde sua etimologia, preso à surpresa em face do que fugia, na ótica do conquistador, à ordem dos “*naturalia*” (Cf. Chiampi, 1980, 48).

² V. a respeito o ensaio de Costa Lima “O transtorno da viagem”, em que o Autor aborda o impacto provocado pelos relatos de viagem e sua relação com a difusão da palavra impressa (Lima, 1991). Outro viés, porém igualmente instigante na abordagem do problema, é o proposto no ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”. Silvano Santiago analisa as conseqüências da imposição da língua do colonizador e a contrapartida dos colonizados, como a “destruição sistemática dos conceitos de *unidade* e de *pureza*” (Santiago, 1978, p. 18, grifos nossos)

do Éden, que descesse de sua existência em algum lugar do globo. E nada o desprendia da idéia, verdadeiramente obsessiva em seus escritos, de que precisamente as novas Índias, para onde o guiara a mão da Providência, se situavam na orla do Paraíso Terreal. Se à altura do Pária, chega a se manifestar com mais veemência essa idéia, o fato é que muito antes, e desde o começo de suas viagens de descobrimento, a tópica das visões do paraíso impregna todas as suas descrições daqueles sítios de magia e lenda.” (Holanda, 1977, p. 15)

A distância entre a imagem de paraíso terreno e a utopia não era tão grande que não permitisse a trasladação para o Novo Mundo do projeto quimérico.³ A proximidade que assinalamos legitima-se pela leitura e pela gênese do mais célebre livro de More. Publicado em 1516, *Utopia* — proveniente da junção do advérbio grego *ou*, “não”, com o substantivo *topos*, “lugar” —, designa em seu título e no nome do viajante que relata suas maravilhas a ironia que o permeia. (cf. Logan e Adams, 1999, XIII). Desde seu nascimento, a utopia situa-se em nenhures, lugar, eis o paradoxo, situado em algum ponto do Novo Mundo, conforme atesta com todos os foros de veracidade seu mais admirado narrador.

A ironia mascarada no nome não disfarça, porém, o impacto causado pelos relatos de viagem ao Novo Mundo e muito menos a articulação que se fazia entre utopia, bem-aventurança e os sítios descobertos nas viagens ultramarinas. Com efeito, segundo o testemunho de Giles a Morus, é a partir de uma das viagens feitas com Américo Vespúcio que Rafael Hitlodeu chega à utopia.⁴ Se a narrativa do escritor inglês reporta-se aos relatos das

³ V. a respeito das aspirações utópicas transferidas para as colônias, Chiampi, op. cit. (especialmente o cap. “a neo-utopia ilustrada”)

⁴ Observe-se aqui a ambigüidade da narrativa de More, bem como o destino dado a uma das questões centrais da ficção moderna: o divórcio entre o mundo referente e o literário. O livro mescla elementos autobiográficos com dados ficcionais.

viagens transoceânicas, é lícito supor o caminho inverso: as narrativas dos colonizados também conservariam as marcas deixadas pelos textos que as precederam. Legitima-se, portanto, a afirmação do escritor mexicano Carlos Fuentes (1990), segundo a qual o núcleo da cultura ibero-americana fundar-se-ia sobre o lastro da busca do Eldorado, por um lado, e, por outro, pela quimera utópica. Assim, se a reminiscência desses países estaria atravessada pela tragédia da conquista, também o estaria pela interminável procura desse estado de bem-aventurança. Nesse sentido, para Fuentes, o *u-topos*, situando-se em nenhum lugar, como o concebeu seu inventor, seria, em verdade, um tempo. Este tempo particular em que presente, passado e futuro se embaralham é o tempo da memória, posto que “é necessário recordar para regressar a uma terra que não está no espaço, mas no tempo.” (op. cit., p. 127)

Cumprir notar que as especulações acerca da utopia, enquanto instância temporal, sustentada pelo estreito vínculo que mantém com a rememoração, não se deve exclusivamente ao autor de *Gringo viejo*, mas pode igualmente ser lida no *Eros e Civilização*, de Marcuse [s.d]. Nele, o pensador faz notar, para além de sua interpretação freudiana, que se a teoria política e a filosofia moderna relegaram a utopia a este terreno inexistente⁵, a memória “continua a reclamar o futuro: gera o desejo de que o paraíso seja recriado na base das realizações da civilização” (ibid., p. 38)

E de fato, como se pode depreender da leitura de *Waslala e Utopia selvagem*, ambos os romances entrelaçam — e, podemos adiantar, segundo modos de enunciação radicalmente distintos — a busca desse espaço lendário com a memória.

⁵ V. especialmente o cap. “Fantasia e utopia”, no qual o Autor trata do papel da fantasia frente às repressões impostas pela realidade, como prescrever o ostracismo da utopia a um terreno inexistente. (op. cit., p. 132-145)

MEMÓRIA E UTOPIA EM *WASLALA: MEMORIAL DEL FUTURO E UTOPIA SELVAGEM*

Waslala: memorial del futuro, terceiro romance da escritora nicaragüense Gioconda Belli, editado primeiramente em tradução para o alemão, foi publicado em Manágua em 1996.

Escrito em terceira pessoa por um narrador onipresente e onisciente, encena o esforço e aventuras da heroína Melissandra através do país imaginário Fáguas — espécie de alegoria de Nicarágua. O destino de sua trajetória é Waslala, situada em “uma brecha no tempo-espaço”⁶ (Belli, 1996, p. 69), gerada segundo os ideais de um grupo de intelectuais e artistas. As palavras de um de seus fundadores, Ernesto, esclarece a analogia com a ilha do poeta Cardenal, e nos remete para esse futuro de promessas.

Necessitamos a ilha para construir a Utopia [...]. É preciso criar o núcleo original, descontaminá-lo por várias gerações até que o conformem somente homens e mulheres que nunca tenham conhecido a ambição, o poder, a avareza, a violência, o mal. Trata-se de construir a primeira célula, a partícula, o primeiro organismo vivo.⁷ (ibid., p. 62)

A utópica descrição traz inevitavelmente à memória de seus leitores nicaragüenses a Ilha de Solentiname — comunidade de poetas e camponeses, fundada pelo autor do *Cântico Cósmico* nos anos 80. A ilha, contudo, não apela somente à experiência concreta do país, mas remete, como visto, à ficção de More. De fato, a busca de Melissandra recorda tanto o texto fundador, quanto a crença na proximidade do Éden no Novo Mundo. Não é,

⁶ Tradução nossa. Citaremos o texto original de Belli em notas de rodapé (“uma ranura en el tiempo-espacio”)

⁷ “Necesitamos la isla para construir la Utopía (...) Hay que crear el núcleo original, descontaminarlo a través de varias generaciones hasta que sólo lo conformen hombres y mujeres que nunca hayan conocido la ambición, el poder, la avaricia, la violencia, el mal. Se trata de construir la primera célula, la partícula, el primer organismo vivo.”

pois, fortuito, que Waslala mescle lugar e tempo em uma só unidade ficcional. Situada na fronteira, assinala o destino dado à utopia, o não-lugar, desde sua criação. Se nenhures encena o percurso no tempo, e disso parecem estar cientes os heróis de Waslala, a aventura empreendida no romance necessariamente teria que fluir para uma noção de memória, que retome o círculo descrito por Marcuse. As promessas não cumpridas são lembradas⁸ e projetadas para o futuro. Mais uma vez a utopia confirma-se na ficção como um tempo, no qual passado e futuro se confundem. O tempo da memória.

— É a memória Melissandra. Sempre pensamos que a memória deve referir-se ao passado, mas é minha convicção que há também uma memória, um memorial do futuro; que também hospedamos a recordação do que pode chegar a ser.⁹ (ibid., p. 372)

Essa mesma aliança, capaz de unir o passado de promessas não satisfeitas às expectativas do que está por se realizar, passa o romance de Darcy Ribeiro (1982). Pitum, informa-nos o narrador, “estava na pista do Eldorado” (ibid., p. 45), e às tropas brasileiras caberia efetivar “o destino nacional: desencantar o reino encantado” (*loc. cit*) A imagem do paraíso, atualizada em Waslala, igualmente, se corporifica no texto brasileiro, pois “foi no Brasil que Deus plantou o Paraíso Terreal: o Éden” (ibid., p. 48)

⁸ Verificar a distinção feita por Benjamin (1985) entre *rememoração*, que preside o romance, e *memória*, do grego *Mnemosyne*, a que gerou, pela união com Zeus, as nove Musas. A respeito do elo esquecimento-memória, v. Pressler (trabalho não publicado, cedido pelo autor).

⁹ “Es la memoria, Melissandra. Siempre pensamos que la memoria debe de referirse al pasado, pero es mi convicción que hay también una memoria, un memorial del futuro; que también albergamos el recuerdo de lo que puede llegar a ser.”

E mais adiante:

Muito antes deles [de Colombo e Américo Vespúcio], porém, nossos avós estariam já carecas de saber que aqui em Pindorama é que tem assento Ypy-marã-iy. Quer dizer, a Terra sem males, um Maranhão secreto e encantado que é a morada de Deus: lá só heróis conseguem chegar vivos. É uma beleza! (ibid., 49-50)

No entanto, o discurso, ou melhor, os discursos utilizados em *Utopia Selvagem* — o plural aqui se refere à heterogeneidade de linguagens atualizadas no texto —¹⁰ afastam o romance brasileiro de *Waslala*. Enquanto este último parece estar ancorado sobre uma concepção de literatura mais próxima à de fundo monológico,¹¹ estreitamente ligada ao romance de aventuras e à tipificação do herói romântico —, a Utopia darciniana é assumidamente selvagem e irreverente. Se as referências de Gioconda são as obras dos nicaraguenses Urtecho e Lizandro Chaves Alfaro, textos urdidos pelo comedimento, as de Darcy são Oswald, Mario de Andrade e, mais remotamente, Rabelais.

Comemos com Oswald nosso repasto mais sério e severo de assunção do nosso ser, diante da estrangeirada. Com ele, pela primeira vez, gargalhamos:

— Ali vem a nossa comida pulando.

Neste ímpeto de reversão da comedoria pantagruélica, só pedimos a Deus a boca voraz e insaciável dos prósperos da terra para devorar a estranja e fazer dela o estrume com que floresceremos. (ibid., p. 33)

¹⁰ Reportamo-nos ao conceito de discurso literário de Bakhtin, i.e., como instância estratificada na vida social e que será introduzida no romance por meio do plurilingüismo (cf. Bakhtin, 1990, especialmente o capítulo “O discurso no romance”)

¹¹ V. Bakhtin (1986). Referimo-nos à distinção feita pelo Autor entre os romances monológicos e polifônicos.

Note-se ainda que, inversamente à busca heróica do território idílico fundado por poetas esclarecidos, temos no texto de Darcy Ribeiro o anti-herói Pitum, em pleno gozo entre amazonas destemidas e índios festejando a caapinagem. O relato em *Utopia selvagem* é antropofágico, visceralmente paródico e carnavaalizado.¹²

As diferenças enumeradas poderiam tornar ociosa a comparação, não fosse a crença compartilhada no sonho. Assim, enquanto Melissandra afirma no texto nicaraguense que “a razão de ser de Waslala era ser Waslala, a Utopia, o lugar que não era, que não podia ser o tempo e o espaço habitual, senão outra coisa (...)”¹³ (op. cit., p. 372), Pitum, que agora chama-se Orelhão, afirma:

— O que nós loucos somos é isto: testemunhas do impossível. O tempo é muitos tempos simultâneos. Impossíveis. O espaço também. Quem atravessou a cortina branca sabe. Todo impossível é possível em algum lugar. Até demais. (Ribeiro, op. cit., p.102)

Os fragmentos assinalados testemunham a noção de que a utopia, enquanto elemento gerado pela ficção, atualiza-se num plano que subverte as regras do real. Em outros termos, podemos afirmar que ressaltam o jogo inscrito na própria ordem do ficcional. Ao encenar uma realidade que mantém a verossimilhança atrelada a uma lógica sobrenatural, marcam toda a ambigüidade do jogo literário. Reside aí, pois, o paradoxo que serve de liame entre utopia e as obras que a enunciam. Transgredindo os limites que apartam o universo ficcional do extratextual, delatam não apenas a arbitrariedade do fosso criado, mas as possibilidades do que o discurso empírico nega. De fato, se a transgressão já estava, como visto, presente na ironia do texto fundador, não se estranha

¹² Ibid.

¹³ Trad. nossa “(...) la razón de ser de Waslala era ser Waslala, la Utopía, el lugar que no era, que no podía ser el tiempo y el espacio habitual, sino otra cosa (...)” (lo.cit.)

que os romances de Gioconda Belli e de Darcy Ribeiro manifestem a mesma vocação dual. Desse modo, atualizada pela memória dos leitores familiarizados com as faculdades da ficção, a utopia sai do ostracismo a que fora desterrada para encontrar no texto literário o cenário para sua mais plena encenação. Afinal, vale reler, “todo impossível é possível em algum lugar. Até demais.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1990.
- _____. *Problemas de la poética de Dostoievski*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.
- BELLI, Gioconda. *Waslala: memorial del futuro*. Manágua: Anamá, 1996.
- BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.” In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Trad. do alemão por Sergio Paulo Rouanet, de *Auswahl in Drei Bänden*, Suhrkamp, s.d.)
- CHIAMPI, Irlemar. *O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispano-americano*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- FUENTES, Carlos. *Valiente Mundo Nuevo: épica, utopía y mito en la novela hispanoamericana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1977.
- LIMA, Luis Costa. O transtorno da viagem. In: _____. *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: 1991.
- LOGAN, George M., ADAMS, Robert M. Introdução. In: MORE, Thomas. *Utopia*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Trad. do inglês por Jefferson Luiz Camargo e Marcelo Brandão Cipolla, de *Utopia*, Press Syndicate of the University of Cambridge, 1995)
- MACKENBACH, Werner. Die unbewohnte Utopie. *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, Frankfurt a. M., 19.jul. 1999.

- MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização*. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, [s.d.]
- MORE, Thomas. *Utopia*. 2. ed. Trad. do inglês por Jefferson Luiz Camargo e Marcelo Brandão Cipolla São Paulo: M. Fontes, 1999.
- PRESSLER, Gunter Karl. *Anamnese. A memória é uma floresta – o esquecimento um rio*. Trabalho apresentado em Congresso, XVII GELNE. (original gentilmente cedido pelo autor).
- RIBEIRO, Darcy. *Utopia selvagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- SANTIAGO, Silviano. *O entre-lugar do discurso latino-americano. Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- ZAJDSZNAJDER, Luciano. *A travessia do pós-moderno*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.